



Leitura de uma Onda: pesquisa e observação

Betina Hillesheim
Anita Guazzelli Bernardes
Patrícia Flores de Medeiros

RESUMO – Leitura de uma Onda: pesquisa e observação. Este artigo propõe colocar em análise a observação nos processos de investigação. Deste modo, não se parte da idéia da observação como um fenômeno evidente no campo da pesquisa, mas como um problema no próprio campo de pesquisa, na medida em que este se constitui como diferentes práticas – registros, leis, normas, exame, advertência, etc –, as quais produzem determinadas formas de verdade. Portanto, problematiza-se a observação mediante a utilização de um texto literário – *Palomar na praia: leitura de uma onda* – escrito por Ítalo Calvino. A partir deste exercício, busca-se situar o campo da pesquisa em uma ordem de criação, ou seja, como uma obra de arte que também cria conceitos.

Palavras-chave: **Observação. Pesquisa. Diferença. Modos de subjetivação, Multiplicidade.**

ABSTRACT – Reading a Wave: research and observation. This article aims at analyzing the observation in investigation processes. It has not started from the idea of observation as a phenomenon that is evident in the field of research, but as a problem in the very field of research, since this is constituted as different practices – records, laws, norms, examinations, warnings, etc. – which produce certain forms of truth. Observation has been problematized through the use of a literary text – *Palomar on the beach: reading a wave* –, written by Italo Calvino. From this exercise, we have attempted to situate the field of research in a creation order, i.e. as a work of art that also creates concepts.

Keywords: **Observation., Research. Difference. Modes of subjectivation, Multiplicity.**

O senhor Palomar está de pé na areia e observa uma onda. Não que esteja absorto na contemplação das ondas. Não está absorto, porque sabe bem o que faz: quer observar uma onda e observa¹.

Pesquisa e observação são conceitos entrelaçados: pesquisar supõe observar. Mas o que é observação? O dicionário registra diferentes significados, tais como: 1. ato ou efeito de observar (-se); 2. Cumprimento, prática de lei, norma, etc.; 3. Exame de fenômeno, fato, etc.; 4. Registro escrito ou oral que resulta de exame ou estudo; 5. Palavras de advertência (Ferreira, 2005). Os livros de metodologia científica costumam dedicar à observação um papel importante tanto na concepção de um problema de pesquisa quanto no estabelecimento de possíveis explicações para o mesmo. Parece simples: observamos um mundo que já está dado, formulamos problemas e, com um ajuste em nossas lentes de observações, encontramos as soluções tão esperadas. Pronto, temos aí a pesquisa! Ou não?

A partir dessas provocações iniciais sobre a observação em pesquisa, este artigo propõe-se a colocar em análise este que seria considerado como um dos *procedimentos metodológicos* mais evidentes nas investigações. O colocar em análise diz respeito a uma forma de problematização que não partirá da idéia da observação como um fenômeno evidente, ou seja, que não seria relevante pensar sobre esse procedimento por se referir ao ato de olhar que registra um objeto, mas como um problema no próprio campo de pesquisa que se constitui como diferentes práticas – registros, leis, normas, exame, advertência, etc –, as quais produzem diversas formas de verdade.

O exercício deste texto será problematizar a observação mediante a utilização de um texto literário – *Palomar na praia: leitura de uma onda* –² escrito por Calvino (1994). Não se trata de investigar hermeneuticamente Palomar, mas a partir do modo como Palomar observa, circunscrever linhas de visibilidade e enunciação sobre a observação. Essa conversa com o texto de Calvino possibilita uma discussão no campo da pesquisa como obra de arte, como criação de conceitos, de potências.

Deste modo, em um primeiro momento será discutida a pesquisa como um ato de criação. Com base nessas primeiras linhas, se parte para a observação como exercício do pensamento. Para finalizar, o texto articula essa noção de exercício do pensamento no ato de observar com a idéia de multiplicidade de verdades.

“O Senhor Palomar está de pé na Areia e Observa uma Onda”: pesquisa e criação

Pesquisar é da ordem da criação e, como coloca Deleuze (1997), criar é ter uma idéia, o que, em Filosofia, implica a criação de conceitos. Mas os conceitos

não existem sozinhos, eles comportam outras dimensões relativas a “[...] pacotes de sensações [...]” e devires (Deleuze, 1992, p. 171). Conceitos são idéias que fazem ver as coisas e, fazendo ver, são também *lançadores* de sensações/afetações, constituindo-se como devires que transbordam daqueles que passam por eles, arrastando-nos para potências além de nosso entendimento. Assim, “[...] criar conceitos é construir uma região do plano, juntar uma região às precedentes, explorar uma nova região, preencher a falta. O conceito é um composto, um consolidado de linhas, de curvas” (Deleuze, 1992, p. 184). Portanto, os problemas não são pré-existentes, já prontos, desaparecendo quando encontramos as respostas, mas abrem horizontes de sentido, subtendendo a criação dos conceitos: os problemas supõem uma nova postura de questionamento, uma outra perspectiva sobre o que parece habitual ou insignificante (Zourabichvili, 2004). Neste sentido, não é possível falar em um *eu* do pesquisador que descobriria um problema, mas de proposições e articulações que tanto dão visibilidade ao pesquisador quanto ao problema. O problema não é anterior ao pesquisador, assim como o objeto de observação. Tanto problema/observação quanto pesquisador acontecem em certo momento de encontro.

Entretanto, a separação feita pelo arranjo moderno da ciência estabelece que pesquisador e objeto estão colocados em diferentes posições. O pesquisador é compreendido como o agente da ação de pesquisar, enquanto que o objeto é uma entidade imóvel, à espera de um pesquisador que lhe dê luminosidade. Contudo, se propusermos uma torção dessa relação pesquisador/objeto, colocando-os no mesmo campo, um acontece para o outro. Não há, neste caso, uma soberania do pesquisador sobre o objeto, pois o objeto também dá visibilidade ao pesquisador, ou seja, também o permite existir enquanto tal (Latour, 2001). O eu, então, não é o sujeito do predicado *eu penso, eu observo*, mas um acaso do seu desenrolar, ou seja, somos tomados por sensações, por afetações, pela criação, não se trata de um ato volitivo do sujeito, mas de encontros entre diferentes corpos que criam a possibilidade de um sujeito. “Sim, e é quando o eu passa a não existir mais, a não reivindicar nada, passa a fazer parte da árvore da vida – é isso que luto por alcançar. Esquecer-se de si mesmo e no entanto viver intensamente.” (Lispector, 1999, p.15).

O ato de criação é arriscar-se, “[...] é quando o eu passa a não existir mais [...]”, como escreve Lispector (1999, p.15). A linguagem impõe uma ordem, uma ordem discursiva, não se fala qualquer coisa, fala-se aquilo que é possível falar em um determinado tempo e espaço. Esse falar não se refere a uma coisa, não implica um objeto, é ele próprio objetivação de um tempo. O ver, mesmo não estando colado ao falar, também segue determinadas regras, vemos o que é possível ver. “Falar não é ver [...]” nas palavras de Blanchot (2001, p. 66), que completa: “[...] falar libera o pensamento desta exigência ótica.” Colar as palavras e as coisas está inscrito em uma ordem, uma ordem que busca um sentido, o âmago das existências. É nesse exercício entre o ver e o falar, entre aquilo que permite o falar e o ver, que encontramos pesquisador e objeto.

De acordo com Blanchot (2001, p. 67), “falar, como escrever, nos engaja pois num movimento de separação, uma saída oscilante e vacilante.” A observação inscreve-se nesse movimento de separação, de uma saída oscilante, é o movimento da onda que torna o olhar possível. Isso significa operar com uma noção de sujeito-forma e não substância (Deleuze, 1988). Sujeito-forma como uma figura-existência conformada por aquilo com o qual se afeta. Para Nietzsche (1998, p. 36) “[...] não existe um tal substrato, não existe ser por trás do fazer, do atuar, do devir; o agente é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo.” Neste caso, a observação é um ato, um ato de criação, de criação do próprio sujeito que olha.

Desta maneira, buscamos problematizar a observação a partir da idéia que a pesquisa, como afirma Corazza (2007), movimenta-se sobre três planos – a filosofia, a arte e a ciência –, constituindo-se como um jogo afirmativo de novidades, o qual afasta as universalidades e traça linhas de fuga. E, ao colocar o problema, não tentamos responder o que é a observação, mas, ao realizar um exercício de pensamento, buscar outras maneiras de sentir e pensar a pesquisa, experimentando outras imagens, uma vez que aquelas que já são conhecidas podem já não funcionar. Assim, é um outro sujeito que emerge dessa possibilidade do olhar, da observação.

“Não que Esteja Absorto na Contemplação das Ondas”: observar como exercício do pensamento

[Palomar] [...] não está contemplando, porque para a contemplação é preciso um temperamento conforme, um estado de ânimo conforme e um concurso de circunstâncias externas conforme: e embora em princípio o senhor Palomar nada tenha contra a contemplação, nenhuma daquelas três condições, todavia, se verifica para ele. Em suma, não são ‘as ondas’ que ele pretende observar, mas uma simples onda e pronto: no intuito de evitar as sensações vagas, ele predetermina para cada um de seus atos um objetivo limitado e preciso (Calvino, 1994, p. 7).

Palomar tem um método; a partir dele, pretende obter um resultado: apreender uma onda. Para tanto, afasta as sensações vagas, delimitando um procedimento, traçando um objetivo limitado e preciso. Palomar se apóia nos métodos formalizados pelos saberes modernos, nos caminhos retos que conduzem às soluções esperadas. Para conhecer é necessário fragmentar, recortar o mundo em pedacinhos que caibam em nossas explicações limitadas: não se pode observar ‘as ondas’ (muito menos o mar!), mas uma onda. Palomar é modesto como o bom cientista deve ser: uma onda, somente.

O senhor Palomar vê uma onda apontar na distância, crescer, aproximar-se, mudar de forma e de cor, revolver-se sobre si mesma, quebrar-se, desfazer-se.

A essa altura poderia convencer-se de ter levado a cabo a operação a que se havia proposto e ir-se embora. Contudo, isolar uma onda da que se lhe segue de imediato e que parece às vezes suplantá-la ou acrescentar-se a ela e mesmo arrastá-la é algo muito difícil, assim como separá-la da onda que a precede e que parece empurrá-la em direção à praia, quando não dá até mesmo a impressão de voltar-se contra ela como se quisesse fechá-la. Se então considerarmos cada onda no sentido de sua amplitude, paralelamente à costa, será difícil estabelecer até onde a frente que avança se estende contínua e onde se separa e se segmenta em ondas autônomas, distintas pela velocidade, a forma, a força, a direção (Calvino, 1994, p. 7-8).

Palomar quer observar uma onda; entretanto, esta se recusa deixar-se isolar. A onda se contrapõe às noções estáticas de essência: ela não ‘é’ onda, mas afirmação de movimento e de devir. A onda remete ao conceito de multiplicidade de Deleuze, sendo que, de acordo com Silva (2007, p. 11), “[...] um mundo constituído de multiplicidades é um mundo em movimento contínuo, um mundo de criações.” A multiplicidade não se vale da combinação das noções tradicionais do múltiplo e do uno, mas procura designar uma organização própria do múltiplo, que prescindem da unidade para formar um sistema (Deleuze, 2006).

Para Deleuze e Parnet (1998), uma multiplicidade não está nos elementos, independentemente de seu número, nem em seu conjunto ou totalidade. A multiplicidade faz-nos substituir o É pelo E, o qual se faz sempre *entre* dois: alguma coisa que está entre dois e, ao mesmo tempo, fora dos dois, correndo em outra direção e traçando linhas de fuga. O movimento da atenção no ato da observação não deve buscar algo definido, mas abrir-se para o encontro: “[...] trata-se de um gesto de deixar vir.” (Kastrup, 2007, p. 17). Desta maneira, o E das ondas faz com que elas se multipliquem e se desvançam, é a onda que vem ao sujeito e não o sujeito que vai até a onda, pois quando pegamos uma onda seguimos o movimento dela e não o contrário.

Em suma, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo. Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda; mas da mesma maneira é verdade que cada onda é igual a outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva; enfim, são formas ou seqüências que se repetem, ainda que distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo. (Calvino, 1994, p. 8).

A observação de Palomar leva-nos à multiplicidade e, para Deleuze (1997), as multiplicidades são conjuntos de singularidades, sendo a sua fórmula ‘ n menos 1’, na qual o 1 deve ser sempre o termo a ser subtraído. A onda enquanto uno não existe; porém, esta oposição entre uno e múltiplo deixa de ser pertinente. Como aponta Zourabichvili (2004, p. 38):

[...] uma multiplicidade é composta de dimensões que se englobam umas às outras, cada uma recapturando todas as outras em um outro grau, segundo

uma lista aberta que pode ser acrescida de novas dimensões; ao passo que, de seu lado, uma singularidade nunca é isolável, sempre 'se prolongando até a vizinhança de uma outra', segundo o princípio do primado dos acoplamentos ou das relações.

No entanto, como pontuam Silva; Corazza e Zordan (2004), mais importante que a caracterização da multiplicidade, é compreender para que serve esta noção. Para os autores, a noção de multiplicidade possibilita, por um lado, colocar no centro da ontologia os processos de movimento e devir (e não concepções estáticas de essência e de um sujeito que *é*, para sempre e já constituído) e, por outro, pensar o mundo sem recorrer às noções de uno e de múltiplo. Um mundo que fosse formado por essências é um mundo já dado, no qual não acontece nada interessante e que só permite que façamos a classificação das coisas que já existem. Diferente disto, um mundo feito de multiplicidades é formado por forças, vetores, relações. Enfim, um mundo de multiplicidades é um burburinho criativo. Desta maneira, a multiplicidade não se refere meramente a uma coleção estética (uma onda a mais), mas remete à fronteira, ao E, tornando-se potente: afinal, como cita Deleuze (1992), a potência não está em um campo ou outro, mas na fronteira. A fronteira não se refere ao posicionamento entre um campo ou outro, mas justamente a inexistência de campos pré-determinados, a ausência de um lugar determinado, identitário. Estar na fronteira é estar no não lugar, é estar em devir, é estar no limite da linha. O limite da linha, ou essa experiência fronteira, é onde encontramos a morte, a criação e a loucura, ou seja, trata-se sempre de um ato arriscado: "Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir" (Foucault, 1998, p 13).

Entretanto, Palomar é obstinado. Imagina que, como seu objetivo é captar uma onda, detendo-se sobre o movimento da água batendo nas areias da praia, assim que se dê conta que as imagens se repetem, poderá ir embora, pois terá visto tudo que há para ver. Mas a onda não coopera com Palomar. Em um momento, ergue-se em um:

[...] determinado ponto mais do que nos outros e é ali que começa a se pregar de branco [...], sendo que, caso isto ocorra a certa distância da praia, a espuma tem tempo de revolver-se sobre si mesma e desaparecer de novo como que tragada e no mesmo momento tornar a invadir tudo, mas desta vez surgindo de baixo [...]; porém, quando se espera que a onda role sobre o tapete, damo-nos conta de que já não existe mais a onda, mas apenas o tapete, e mesmo esse rapidamente desaparece [...] (Calvino, 1994, p. 8).

O protagonista deste texto tem, ironicamente, o nome de um importante observatório de astronomia situado no sul da Califórnia, nos Estados Unidos, e que, durante muito tempo ostentou o maior instrumento ótico do mundo, o telescópio Hale. A montanha Palomar foi escolhida para abrigar o telescópio em função de suas condições atmosféricas favoráveis.

Um telescópio é um grande olho para o universo. Palomar aposta na visão como possibilidade de apreensão do mundo: ele busca ler a onda, decifrar seus segredos, apreender sua essência. Veiga-Neto (2002) pontua que, em nossa tradição cultural, as metáforas relacionadas ao olhar têm sido muito utilizadas, sendo que a visão é entendida como um sentido privilegiado que realiza a mediação entre nós e o mundo, mostrando a realidade *tal como ela é*. Pressupõe-se, assim, de que a visão possibilita, ao sujeito cognoscente, uma representação fiel de uma suposta realidade pré-existente. Pode-se dizer, portanto, que a noção de representação tem uma estreita relação com o olhar (Silva, 2001).

Palomar tenta fixar a onda em uma representação. Entretanto, a rede da representação, como diz Deleuze (2006, p. 108), “[...] é tão frouxa que os maiores peixes passam através dela [...]”, visto que os elementos da representação são as categorias determinadas como condições da experiência possível e estas são muito amplas para a realidade. Além disto, a representação conserva-se na forma da identidade a partir da relação do sujeito que vê e do objeto que é visto – Palomar e a onda. A onda escapa à representação, Palomar não consegue capturá-la. Ela se mistura às outras, não é possível isolá-la, ela engolfa Palomar em um emaranhado de sensações e percepções, rompe com seu método *limitado e preciso*. Mas, Palomar insiste em permanecer nos limites da representação, multiplicando seus pontos de vista e organizando-os em séries na tentativa de conferir-lhe movimento. Mesmo assim estas séries convergem sobre um único centro – a representação –, mostrando-se insuficientes para dar conta de seu propósito. Permanecer nos limites da representação significa a tentativa de se manter como sujeito da ação. Essa permanência no limite da representação mantém a ilusão de que o território é sempre permanente, ignorando o cruzamento de fronteiras e a possibilidade de criação. Porém, quando Palomar é tomado pela multiplicidade das ondas, essas o interrogam de outro modo, desterritorializando-o: já não é mais o mesmo Palomar que ali se encontra.

Operar no campo da representação remete o pesquisador para aquilo que foi apontado no início deste texto: a separação sujeito-objeto. Essa separação que se constitui no arranjo moderno da ciência apresenta “[...] apenas duas espécies ontológicas: natureza e mente (ou sociedade) [...]” segundo Latour (2001, p. 172). Tal dicotomia atribui ao pesquisador o ato de representar o mundo mediante a linguagem, ou seja, haveria um abismo entre linguagem e mundo, entre mente e natureza. Dessa forma haveria um a dimensão sofisticada – a linguagem – e uma dimensão empobrecida – a natureza. A sofisticação da representação estaria justamente em sua capacidade de refletir da forma mais fiel possível um estado de coisas que lhe corresponderia. Neste caso, ao olhar do observador caberia buscar um campo de representação o mais fiel possível a uma dita observação.

O senhor Palomar está procurando agora limitar seu campo de observação; se tem presente um quadrado de, digamos, dez metros de praia por dez metros de

mar, pode levantar um inventário de todos os movimentos de ondas que ali se repetem com frequência variada dentro de um dado intervalo de tempo. A dificuldade está em fixar os limites desse quadrado, porque, por exemplo, se ele considera como o lado mais distante de si a linha em relevo de uma onda que avança, essa linha ao aproximar-se dele irá, erguendo-se, ocultar de sua vista tudo o que está atrás; e eis que o espaço tomado para exame se destaca e ao mesmo tempo se comprime.

Contudo, o senhor Palomar não perde o ânimo e a cada momento acredita haver conseguido observar tudo o que poderia ver de seu ponto de observação, mas sempre ocorre alguma coisa que não tinha levado em conta (Calvino, 1994, p. 9).

Deleuze (2006) aponta que o pensamento moderno desenvolve-se a partir da falência da representação e da perda das identidades: o mundo moderno é dos simulacros. Enquanto a filosofia platônica visa estabelecer a diferença a partir da noção de Modelo, Cópia e Simulacro, constituindo um primado do original sobre a cópia e avaliando os rivais de maneira a distinguir a coisa e seus simulacros, Deleuze propõe subverter o platonismo. Para ele, a diferença não está entre a coisa e seus simulacros, entre o modelo e as cópias, mas a coisa é o próprio simulacro: o simulacro é a forma superior³.

Schöpke (2004) aponta que, de acordo com Deleuze, o pensamento platônico funda-se não nesta divisão entre mundo sensível e mundo inteligível, mas na demarcação entre as boas cópias e as más cópias (os simulacros), tratando de distinguir a coisa mesma de suas imagens (o Modelo das Cópias), mas também as cópias dos simulacros. O simulacro consistiria não em uma cópia da cópia, mas na negação do modelo. “Distinguir os verdadeiros dos falsos pretendentes: eis a mais íntima motivação platônica” (p. 56). É necessário, assim, diferenciar entre aqueles que interiorizam a relação modelo-cópia e aqueles que somente produzem um efeito de semelhança externa.

A boa pretensão das cópias funda-se na idéia da Identidade, o modelo do Mesmo. A ciência apropria-se dessa idéia na medida em que considera que o olhar/observação do cientista poderia apresentar *a boa cópia* na medida em que é um olhar metodológico (escolhe qual onda olhar e como). O método traria para a ciência a possibilidade de definir as boas e más cópias. No entanto, a leitura de Deleuze do texto platônico vem questionar esta busca pela verdade, pela essência das coisas: não há pureza ou estabilidade.

Como coloca Schöpke (2004, p. 194),

Não há mais mundo sensível e mundo inteligível, mas um único mundo, um mundo de corpos e de intensidades, de corpos e de acontecimentos, de seres concretos e virtualidades. Para Deleuze, o nosso mundo é o mundo dos simulacros – uma vez que os modelos desapareceram. É um mundo sem órbita, descentrado – não por ser enlouquecido, desvairado, mas porque tem na diferença (e não na identidade) o seu princípio. É o fim do ponto de vista único, da supremacia da identidade, o fim da razão representativa

E, assim, Palomar,

[...] se não fosse pela impaciência de chegar a um resultado completo e definitivo de sua operação visiva, a observação das ondas seria para ele um exercício repousante e poderia salvá-lo da neurastenia, do infarto e da úlcera gástrica. E talvez pudesse ser a chave para a padronização da complexidade do mundo reduzindo-a ao mecanismo mais simples.

Mas todas as tentativas de definir este modelo devem levar em consideração uma onda que sobrevém em direção perpendicular ao quebra-mar e paralela à costa, fazendo escorrer uma crista contínua e apenas afluente (Calvino, 1994, p. 9-10).

Após várias tentativas frustradas, Palomar desiste:

É pena que a imagem que o senhor Palomar havia conseguido organizar com tanta minúcia agora se desfigure, se fragmente e se perca. Só conseguindo manter presentes todos os aspectos juntos, ele poderia iniciar a segunda fase da operação: estender esse conhecimento a todo o universo.

Bastaria não perder a paciência, coisa que não tarda a acontecer. O senhor Palomar afasta-se ao longo da praia, com os nervos tensos como havia chegado e ainda mais inseguro de tudo (Calvino, 1994, p. 11).

Atenção à Onda! Observe Atentamente...

Palomar desiste, com os nervos em frangalhos. Mas, nas nossas pesquisas, o que nos faz prosseguir? Como poderíamos pensar a observação na pesquisa a partir de outro paradigma que não o da representação, da identidade, da essência, das *boas e más* cópias?

Kastrup (2007), no artigo *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, propõe pensar no conceito de atenção como uma possibilidade para o trabalho do cartógrafo. A cartografia é uma proposta formulada por Deleuze e Guattari, a qual visa o acompanhamento dos processos de produção e não a representação do objeto.

No entendimento de Kastrup (2007), falar de atenção não remete a uma noção simplista de seleção de informações, mas sim à detecção de materiais, aparentemente desconexos e fragmentados, dos processos em curso. Além disto, a atenção:

[...] enquanto processo complexo, pode assumir diferentes funcionamentos: seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário, em várias combinações como seleção voluntária, flutuação involuntária, concentração desfocada, focalização dispersa, etc. Embora as variedades atencionais coexistam de direito, elas ganham organizações e pro-

porções distintas na configuração de diferentes políticas cognitivas (Kastrup, 2007, p. 15).

Palomar, em seu ato de observação da onda, assume um tipo de relação com o conhecimento que entende o mundo como já dado – é o que Kastrup (2007) chama de política cognitiva realista. Entretanto, esta não é a única forma com que podemos nos relacionar com o conhecimento: há um outro tipo de política cognitiva, denominada construtivista, a qual toma o mundo como invenção, ou seja, o mundo é produzido conjuntamente com o agente do conhecimento.

Assim como Palomar observa o mar, também estivemos o observando. Não se trata de usá-lo como metáfora, tratando-o a partir de uma Verdade, a qual seria variável segundo o ponto de observação. Mas, como sugere Ratto (2006, p. 236), trata-se de compreender a observação a partir do caráter perspectivo da existência em Nietzsche, ou seja, não uma relatividade de pontos de vista ou uma como metáfora visual da “[...] posição desde onde se enxerga [...]”, o que significaria sustentar uma espécie de relativismo epistemológico, na qual se afirmaria que o leitor somente “[...] presenciará aqui meu olhar sobre o mundo. O que digo não é a Verdade do mundo, mas tão somente meu olhar sobre ele.” O que se propõe aqui, entretanto, é a impossibilidade de falar de uma racionalidade como exterior ao mundo, como se a razão e os argumentos que dela decorrem se assemelhassem a *um olho* que vê o mundo de uma determinada perspectiva, de um ponto de vista particular, supondo a existência de um sujeito (o olho, a razão) apartado do objeto (a coisa a ser vista, o mundo), como se ambos, sujeito e objeto, fossem pré-existentes à relação que os une. Mas, na trilha de Nietzsche, o autor afirma que o sujeito é tanto o mundo quanto o ponto de vista que supõe estar: “[...] se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você [...]” (Ratto, 2006, p. 237). Deste modo, não se trata de afirmar a existência de diferentes perspectivas ou olhares sobre um mesmo objeto, mas de perspectivas diversas, as quais compõem uma unidade a partir da criação de um sentido comum.

Não é o caso, portanto, de responder *o que é uma onda?*, tal como a tentativa de Palomar: o que está em jogo é acompanhar o processo, isto é, o trabalho do pesquisador seria no sentido de compreender o que está acontecendo, engendrar o conhecimento no próprio percurso da pesquisa e não fazendo a leitura de algo que já é conhecido e que se reapresenta, devendo, portanto, ser reconhecido. O pesquisador abre-se ao encontro – com a onda, com o mar, com a areia, com as gaivotas, com os peixes, com as conchas, com o vento... – e, a partir disto, faz emergir um mundo que antes existia como virtualidade e se atualiza pela observação. Portanto, a pesquisa não se faz pela representação das formas, mas pelas forças circulantes, sendo que a observação não deve dizer da essência, mas do acontecimento.

Recebido em julho de 2008 e aprovado em maio de 2009.

Notas

- ¹ Fragmento retirado do livro *Palomar*, escrito por Ítalo Calvino, 1994, p. 7.
- ² Trata-se do primeiro capítulo do referido livro.
- ³ Para melhor explicar esta idéia: Platão trata, no livro seis de *A República*, do que denomina como a doutrina dos dois mundos: o mundo sensível (dos corpos, das percepções, das sensações) e o mundo inteligível (dos modelos). Há uma distribuição hierárquica entre estes dois mundos, sendo o mundo sensível menos valorizado, enquanto que o que pertence ao mundo inteligível permanece em um espaço privilegiado, estável e perene. Nesta concepção, os objetos do mundo sensível podem deixar-se modelar por aqueles que estão no mundo inteligível, sendo que aquilo que é submetido ao Modelo, torna-se cópia. Portanto, as coisas do mundo em que vivemos são cópias, pretendentes dos modelos deste outro mundo exemplar e ideal (Henz, 2007).

Referência

- BLANCHOT, Maurice. **A Conversa Infinita**. São Paulo: Escuta, 2001.
- CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CORAZZA, Sandra. Para Pensar, Pesquisar e Artistar a Educação: sem ensaio não há inspiração. **Educação**, São Paulo, v.6, p. 68-73, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Paris: Montparnasse, 1997. (vídeo)
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**. 6 ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- HENZ, Alexandre de Oliveira. Ocasos e Travessias: movimentos de Nietzsche em Deleuze. **Educação**, São Paulo, v 6, p. 28-37, 2007.
- LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, jan./abr. 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RATTO, Cleber Gibbon. **Educação, Comunicação e Controle Social: um ensaio sobre a incomunicabilidade do mundo**. Porto Alegre, 2006. Tese (Proposta) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma Filosofia da Diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: EDUSP, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O Currículo Como Fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. Tinha Horror a tudo que Apequenava... **Educação**, São Paulo, v 6, p. 6- 15, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paula. **Linhas de Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, MarisaVorraber (Org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 23-38.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Tradução de: André Telles. Rio de Janeiro: Centro de Interdisciplinar de Estudos em novas Tecnologias, 2004. Disponível em: < <http://escolanomade.org/images/stories/biblioteca/downloads/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

Betina Hillesheim é psicóloga, doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do RS, docente do curso de Psicologia e do mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

E-mail: betinah@viavale.com.br.

Anita Guazzelli Bernardes é psicóloga, doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do RS, docente do curso de Psicologia e do mestrado em Psicologia da Saúde da Universidade Católica Dom Bosco.

E-mail: anitabernardes@ig.com.br.

Patrícia Flores de Medeiros é psicóloga, doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do RS, docente do curso de Psicologia da Univates.

E-mail: floresp@terra.com.br.